

# O acervo do escritor e sua conectividade rizomática

*The writer's collection and its  
rhizomatic connectivity*

**Iago Gusmão Santiago\***

Universidade Estadual de Feira de Santana

**Stephanne da Cruz Santiago\*\***

Universidade Estadual de Feira de Santana

**Liliane Lemos Santana Barreiros\*\*\***

Universidade Estadual de Feira de Santana

**Patrício Nunes Barreiros\*\*\*\***

Universidade Estadual de Feira de Santana

\* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: [gusmaoiago@gmail.com](mailto:gusmaoiago@gmail.com).

\*\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: [gusmaoiago@gmail.com](mailto:gusmaoiago@gmail.com).

\*\*\* Doutora de Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia e professora Adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: [lilianebarreiros@uefs.br](mailto:lilianebarreiros@uefs.br).

\*\*\*\* Doutor de Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia e professor Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: [patricio@uefs.br](mailto:patricio@uefs.br).

**Resumo:** As múltiplas faces dos acervos de escritores têm desafiado os pesquisadores a explorarem novos caminhos metodológicos, com o objetivo de dar conta da variedade de documentos e seus significados. O acervo do escritor baiano Eulálio Motta (1907-1988), por exemplo, apresenta uma diversidade de documentos que compreendem desde a sua produção literária até objetos pessoais. Esses documentos fazem parte de uma teia de fios complexos que transcendem os limites do acervo e ampliam seus significados. A leitura desse acervo possibilita reconstruir a história de vida do escritor e da sua obra, mas para isso é preciso compreender os fios que unem os documentos. Por conta disso, Barreiros (2016) propôs a construção de um dossiê arquivístico, visando a análise integrada dos documentos do acervo de Eulálio Motta. O estudo que ora apresentamos consiste na elaboração do dossiê arquivístico para a hiperedição de dois textos de Eulálio Motta: *Mania*, publicado no jornal *Mundo Novo* e o rascunho de uma carta para Eudaldo Lima, escrito no caderno *Farmácia São José*. As discussões apresentadas fundamentam-se nas discussões de Barreiros (2014, 2015, 2016), Bordini (2005, 2009), Telles (2006), sobre acervos de escritores, e em Barreiros; Santiago, I.; Santiago, S. (2017) e Deleuze; Guattari (1995), no que concerne ao método rizomático de pesquisa.

**Palavras-chave:** Eulálio Motta; Hiperedição; Dossiê arquivístico; Jornal *Mundo Novo*.

**Abstract:** The multiple faces of writers' collections have challenged researchers to explore new methodological paths in order to cover the variety of documents and their meanings. The collection of the Bahian writer Eulálio Motta (1907-1988), as an example, presents a variety of documents that goes from his literary production to personal objects. These documents are part of a complex web that transcends the boundaries of the collection and expand their meanings. The Reading of this collection makes it possible to reconstruct the life history of the writer and his work, but in order to do so we must understand the thread that make the documents together. Because of this, Barreiros (2016) proposed the construction of an archival dossier, aiming at the integrated analysis of the documents of the Eulálio Motta's collection. The present study consists of the elaboration of the archival dossier for the hyper-edition of two texts written by Eulálio Motta: *Mania*, published in the *Mundo Novo* newspaper and the sketch of a letter directed to Eudaldo Lima, written in the notebook *Farmácia São José*. The present discussion is based on the work about writers' collections done by Barreiros (2014; 2015; 2016), Bordini (2005, 2009), Telles (2006), and in Barreiros; Santiago, I.; Santiago, S. (2017) and Deleuze; Guattari (1995), regarding the rhizomatic method of research.

**Keywords:** Eulálio Motta; Hyper-edition; Archival dossier; Newspaper *Mundo Novo*.

Recebido em 20 de agosto de 2018

Aprovado em 19 de dezembro de 2018

SANTIAGO, Iago Gusmão; SANTIAGO, Stephanie da Cruz; BARREIROS, Liliane Lemos Santana; BARREIROS, Patrício Nunes. O acervo do escritor e sua conectividade rizomática. *Léguas & Meia*, Brasil, n. 9, v. 1, p. 101-122, 2019.

## 1 INTRODUÇÃO

Eulálio Motta (1907-1988) foi um intelectual baiano, natural do município de Mundo Novo, que atuou como escritor, farmacêutico, jornalista e político. Sua performance como escritor foi muito diversificada, incluindo poesia, teatro, causos, panfletos, crônicas jornalísticas etc. Eulálio Motta morou em Salvador entre 1926 e 1933, mas decidiu fazer o caminho inverso da maioria dos escritores que almejam projeção literária, regressou ao interior do estado, à pequena cidade de Mundo Novo, onde escreveu grande parte de sua obra. Por ter se refugiado no interior do estado, Eulálio Motta costumava se denominar como um “poeta de água doce, de rio e canoa”. Segundo ele, sua poesia era diferente daquela produzida pelos poetas de água salgada, os navegantes da imensidão dos mares.

Apesar de viver longe dos grandes centros e ter publicado somente três livros de poemas, com tiragens reduzidas e produzidos em pequenas tipografias do interior, os livros de Eulálio Motta alcançaram importantes críticos de seu tempo, como Carlos Chiacchio e Manuel Bandeira, que escreveram sobre seus poemas. Segundo Alves Filho (1949, p. 1), Eulálio Motta “[...] não teve a felicidade de ser gerado num meio onde a publicidade e a divulgação o cercassem imediatamente” (ALVES FILHO, 1949, p. 1), mas isso naturalmente não significa que sua atuação como escritor não tenha sido relevante, muito pelo contrário. Eulálio Motta teve uma importante atuação como escritor e intelectual na região de Mundo Novo.

No acervo pessoal do escritor mundonovense, encontram-se textos inéditos e os rascunhos dos textos publicados, além de diários e anotações de leituras, rascunhos de cartas, postais, livros, panfletos, discursos políticos, periódicos, fotografias e documentos pessoais acumulados ao longo de sua vida. Desse modo, o acervo pessoal desvela não somente o escritor Eulálio Motta, mas também as variadas esferas da sua condição humana.

Debruçar-se sobre a documentação do acervo de Eulálio Motta permite conhecer o autor que se encontra por detrás das obras, os percursos escriturísticos, os variados pontos de vista, aspectos da sua história pública e privada, as pessoas com quem se relacionou e as ideologias que teve afinidade. Por conta disso, o acervo de Eulálio Motta é considerado uma forma de escrita de si, um projeto autobiográfico, como já foi discutido por Barreiros (2014).

Nesse sentido, a documentação arquivada pode ser compreendida como a sua *magnum opus*, organizada segundo os interesses de Eulálio Motta, por meio da seleção cuidadosa dos documentos que deveriam ser preservados para a posteridade. O fundo documental do acervo foi doado pelos familiares para pesquisa, em 1999, e, desde então, tem passado por um contínuo processo de ampliação, visto que diversas produções do escritor têm sido identificadas e agregadas ao conjunto inicial. Além disso, a partir do estudo do acervo, foi possível estabelecer conexões com documentos situados em arquivos públicos e privados, em bibliotecas e sites, permitindo ampliar as possibilidades de leituras do conjunto documental.

O acervo de Eulálio Motta contém documentos e objetos relacionados a diferentes atividades que ele desenvolveu ao longo de sua vida, mas predominam aqueles relacionados à escrita, seja ela literária, ou jornalística. Portanto, pode-se afirmar que se trata de um acervo de escritor. Isso exige uma atenção especial já que as pesquisas em acervos de escritores propõem uma leitura do texto literário a contrapelo, numa desmontagem daquilo que está posto pela tradição. O pesquisador de acervo precisa ficar

atento para não acreditar que os papéis espelham uma verdade inquestionável. De acordo com Marques (2015, p. 30),

Aos dados disponibilizados pela desmontagem e análise do texto, cabe agregar, em sua remontagem e interpretação, elementos situados numa rede textual mais ampla, não só a dos paratextos discursivos da produção e da recepção. De sorte que já não basta um exame restrito às engrenagens textuais, aos procedimentos da linguagem, cabendo ampliá-lo até as dimensões pragmáticas e históricas da produção textual literária e cultural, estendê-lo aos inumeráveis começos da literatura, com o leitor abrindo o livro, com a cena inaugural da escritura rastreando em seus pré-textos, prototextos, paratextos, ou ancorada num sociotexto.

Os pesquisadores de acervo, especialmente aqueles que se propõem a editar um determinado texto, lidam com documentos de natureza diversa que apontam caminhos interpretativos e embasam tomada de decisões. No entanto, é muito importante construir mapas do labirinto que é o acervo, com o objetivo de orientar outros aventureiros. Foi com o objetivo de criar mecanismos de orientação para leitura do acervo de Eulálio Motta, em função da edição dos seus panfletos, que Barreiros (2014) propôs a elaboração de dossiês arquivísticos.

Segundo Barreiros (2014), é preciso estabelecer conexões entre os textos – convertidos em objeto de estudo filológico ou literário – e os demais documentos do acervo, além daqueles que estão fora dele, ou seja, ancorando-se no sociotexto. Nesse sentido, o pesquisador estará expandindo a teia de sentido, lidando com um rizoma complexo e poderá oferecer aos leitores, ou novos pesquisadores, uma espécie de mapa, com conexões entre diferentes pontos do acervo e até mesmo expandir a rede para outras fontes. No caso de pesquisas realizadas em acervos, com a finalidade de produzir edições digitais, a organização de dossiês arquivísticos permite a construção de rizomas favorecidos pelos hiperlinks digitais.

Com o objetivo de problematizar as questões abordadas acima e compartilhar a experiência de pesquisa no acervo de Eulálio Motta, discute-se no presente artigo os limites do acervo e as possibilidades de compreensão sobre a sua extensão, partindo do pressuposto de que este, se observado à luz do rizoma de Deleuze e Guattari (1995), pode ser considerado um objeto aberto, capaz de conectar-se com diversos documentos, do próprio acervo e fora dele. Além disso, serão apresentados exemplos do dossiê arquivístico de dois textos: *Mania* do jornal *Mundo Novo* e o rascunho de uma carta para Eudaldo Lima, escrita no caderno *Farmácia São José*.

## 2 ACERVOS DE ESCRITORES: DE LOCUS DA PESQUISA A OBJETO PESQUISADO

Nas últimas décadas, diversas áreas do conhecimento, tais como a sociologia, a história, a crítica literária, a linguística, a filologia, passaram a demonstrar um intenso interesse pela documentação de acervos pessoais como fontes de pesquisas, sendo eles pertencentes a pessoas comuns ou a figuras públicas. Isso se dá pelo fato de que os documentos canônicos ou oficiais não dão conta de apreender toda a complexidade do passado, estando quase sempre permeados por ideologias hegemônicas, restrições ou censuras que afetam a confiabilidade das fontes, motivando abordagens unilaterais. Nesse sentido, os acervos pessoais passaram a ser considerados como locus fundamental para a

pesquisa, pois dão lugar a outras vozes, apresentando diferentes prismas da sociedade, da história, da arte, da língua, do texto.

O interesse pelos acervos pessoais provocou uma mudança significativa no tratamento das fontes documentais, que deixaram de figurar em um plano secundário, transformando-se no interesse central de diversas áreas de investigação, deslocando-se, inclusive, da posição de lugar onde se realizavam pesquisas para se transformarem em objeto de pesquisa.

Segundo Marques (2012), esse interesse pelos arquivos os transformou numa

[...] figura epistemológica: um construto, um efeito de campos discursivos – quer os daqueles saberes especializados, quer os dos saberes disciplinares dos estudos literários e históricos – que se apropriam do arquivo do escritor e dele falam; remanejamos, classificamos e expomos seus documentos; os perscrutamos e interpretamos, construindo-se o arquivo literário (MARQUES, 2015, p. 19).

Apesar de ser recente o olhar sobre o acervo como objeto e não apenas como fonte de pesquisa, as experiências com acervos de escritores, inclusive no âmbito nacional, já são capazes de fornecer elementos substanciais para um mapeamento preliminar. Dentre as discussões já levantadas, pode-se mencionar a problemática que envolve o emprego dos termos acervo e arquivo, apresentada por Bordini (2009).

Ao criticar a relação de sinonímia que envolvem os termos, a autora afirma que a denominação acervo não deve ser considerada como sinônimo de arquivo, já que o segundo termo, mais recorrente a nível internacional, encontra-se relacionado às atividades museológicas e biblioteconômicas de exposição e consulta. O acervo, por outro lado, apresenta características que transcendem as do arquivo. A autora ressalta que, no âmbito das pesquisas desenvolvidas em acervos literários, é preferível utilizar o primeiro termo em lugar do segundo, pois:

[...] o primeiro especifica a qualidade de um legado a ser manejado noutra ordem de interesses: o de ser constituído, não por objetos de exposição ou de consulta esporádica, mas por fontes primárias para o conhecimento literário, que testem ou promovam, na sua multidisciplinaridade, achados ou afirmações em sua concretude. Destaque-se que a investigação de acervos alarga o conceito de “obra”, chamando a atenção para sua materialidade (BORDINI, 2009, pp. 47-48).

O acervo também distingue-se do arquivo no que diz respeito ao tratamento que é dado pelo pesquisador à documentação que o constitui. No acervo deve haver um modelo de organização mais flexível, que leve em consideração tanto as necessidades específicas dos documentos, muito maiores que as da documentação de caráter institucional, como do pesquisador, conforme afirma Barreiros (2014):

[o] modelo de acervo literário diferencia-se dos arquivos tradicionais, sobretudo na maneira como ambos são concebidos. Em sua maioria, os arquivos surgem e são organizados para possibilitarem o acesso dos pesquisadores que, num segundo momento, interessam-se pelos documentos. Por sua vez, os acervos literários, como Bordini (2009) os compreende, surgem em função dos interesses específicos de pesquisas, sendo organizados pelos próprios pesquisadores (BARREIROS, 2014, p. 4).

Não se pode deixar de considerar que, grande parte dos fundos documentais oriundos de pessoas físicas, são organizados pelo próprio titular, por familiares, ou pesquisadores, sem o devido conhecimento de arquivologia. A organização se dá, muitas vezes, de modo intuitivo, sem a precisão da catalogação que é inerente ao profissional da arquivologia. Nesse sentido, o uso do termo acervo consegue traduzir o manejo dado aos documentos em outra ordem de interesse. Nota-se, portanto, na proposta de Bordini (2009) que sua iniciativa busca fundamentalmente a promoção de uma mudança na práxis do pesquisador de acervos literários.

Antes de aprofundar a discussão sobre essa questão, cabe aqui apresentar alguns aspectos dessas palavras do ponto de vista etimológico e terminológico. A palavra acervo provém do latim *acervus* que designa, em sua acepção mais utilizada, um montão, pilha ou agregado constituído por uma grande quantidade de coisas. O termo era usado para referir-se tanto a um conjunto formado por itens de caráter ordinário, assim como itens de valor estimado, por exemplo, uma grande quantidade de dinheiro, um tesouro (OXFORD DICTIONARY, 1968, acepção 1b). Em língua portuguesa, a palavra preserva a motivação etimológica, apresentando usos similares, sendo empregada para designar uma “grande quantidade (de algo)” (AULETE, 2018, on-line), quer seja comum ou de elevado valor cultural, considerados tesouros imateriais. Por outro lado, a palavra arquivo provém do grego *ἀρχεῖον*, pelo lat. *archivum*, que significa escritório de registro público. Em português é definido como um conjunto de documentos armazenados de modo ordenado, tendo em vista a sua localização e consulta, e salvaguardados pela instituição pública que o sistematizou.

Em dicionários especializados pode-se encontrar uma distinção semelhante. O *Dicionário de Terminologia Arquivística* define acervo como “totalidade dos documentos conservados num arquivo” (CAMARGO; BELLOTTO, 1996, p. 1). O *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística* define acervo como “documentos de uma entidade produtora ou de uma entidade custeadora” (BIBLIOTECA NACIONAL, 2005, p. 19), enquanto o arquivo como uma “instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico, a conservação e o acesso a documentos” (BIBLIOTECA NACIONAL, 2005, p. 27), podendo ser chamado de arquivo também a instalação onde se encontra a instituição e o móvel onde são armazenados os documentos. Em contrapartida, esse mesmo dicionário também considera a possibilidade de encarar os termos como sinônimos, ao definir o arquivo como um “conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família [...]” (BIBLIOTECA NACIONAL, 2005, p. 27).

Assim, tanto do ponto de vista etimológico, como do terminológico, apesar do problema encontrado no *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística*, que ora distingue, ora assemelha os termos, nota-se que os verbetes acervo/arquivo referem-se a dimensões distintas de uma mesma realidade. Há, portanto, improdutividade em propor uma dicotomia entre esses conceitos pautada na etimologia destas palavras ou na terminologia arquivística. A proposta de Bordini (2009) está, em vista disso, relacionada a um posicionamento ideológico que, ao transformar o acervo em objeto de pesquisa, o coletiviza, possibilitando uma nova interpretação que, em muitos pontos, irá divergir da perspectiva da arquivística. Todavia, é necessário considerar que não se nota nos escritos da autora uma rejeição às técnicas arquivísticas, mas uma atitude de transcendência, inclusive, da própria crítica literária:

A existência de acervos literários organizados cientificamente em torno dessas idéias-mestras proporcionaria dados documentais que exigiriam a ultrapassagem das

abordagens epistemológicas atuais da literatura, descortinando todo um novo universo de pesquisa literária, mais amplo e rico em possibilidades de compreensão (BORDINI, 2009, p. 38).

A atividade arquivística, desde os seus estágios pré-científicos, na Antiguidade e na Idade Média desenvolvia um trabalho direcionado à documentação institucional, dotada de autoridade, de caráter financeiro ou legal. Somente a partir da Revolução Francesa surge a Arquivologia Clássica e o Estado passa a reconhecer a responsabilidade sobre o patrimônio documental, as atenções se voltam para o caráter histórico dos arquivos e seu potencial para o ideal romântico de composição das histórias nacionais. Nesse contexto, surge o Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos de Samuel Muller, Johan Feith e Robert Fruin, que, dentre outros aspectos, “reúne e divulga os principais enunciados da área enquanto campo do Saber” (ABREU, 2016, p. 28).

As ideias apresentadas no manual refletem as bases nas quais a atividade arquivística se desenvolveu durante o seu período clássico, implicando na consideração dos arquivos públicos de valor histórico como a sua área de pesquisa. Sendo assim, “[...] o primeiro enunciado conceitual dos arquivos não contempla os conjuntos documentais produzidos, ou recebidos, e mantidos por uma pessoa física [...]” (ABREU, 2016, p. 29). Apesar disso, conforme salienta o autor, desde o período clássico já havia uma inquietação com a questão dos arquivos pessoais, como pode ser verificado na definição de arquivo apresentada por Casanova:

Acumulação ordenada de documentos criados por uma **instituição ou pessoa** no curso de sua atividade e preservados para a consecução de seus objetivos políticos, legais e culturais, pela referida instituição ou pessoa” (CASANOVA, 1928, apud ABREU, 2006, p. 29, grifo do autor).

Todavia, é importante lembrar que, com o advento da cultura digital, a desmaterialização dos documentos e a intensa mudança que se tem instaurado no campo das humanidades nas últimas décadas, levando a uma frequente revisão das práticas tradicionais, a arquivologia passou a discutir novos problemas como a emergência dos arquivos digitais e o deslocamento da sua área de atuação. O olhar do arquivista contemporâneo volta-se para os chamados arquivos pessoais, na busca por compreender a sua constituição e especificidades em contraste com os demais arquivos. Com isso, a arquivologia contemporânea, marcada por uma efervescência na busca pela resolução dos novos problemas, é impulsionada a “[...] uma ampliação do seu escopo teórico, no qual há espaço para os arquivos produzidos por pessoas” (ABREU, 2016, p. 33).

Em síntese, o fato de ter sido recente o interesse da arquivística por estudar os arquivos pessoais, o que faz com que seus métodos não consigam dar conta plenamente desse objeto, bem como do seu objetivo ser distinto dos buscados por outras áreas do conhecimento, induzem os pesquisadores dessas outras ciências a desenvolverem sua própria tradição investigativa de acordo com seus interesses. Tais interesses ressignificam e potencializam o objeto, descortinando novos olhares. Tem-se, portanto, na distinção feita por Bordini (2009) uma questão não terminológica, mas epistemo-ideológica, relacionada ao olhar que se tem sobre o objeto. Ao empregar acervo em lugar de arquivo, a autora opõe-se aos moldes de trabalhos fechados desenvolvidos neste último, vislumbrando nisso a possibilidade de explorar o verdadeiro potencial dos acervos literários. Em outras palavras, o que para os olhos da arquivologia é arquivo, para muitos pesquisadores da literatura e da filologia é acervo.

O mais importante é olhar para o acervo/arquivo, não apenas como espaço de preservação de fontes para a pesquisa, mas, antes de tudo, como uma figura epistemológica e construção simbólica, atravessada por discursos, muitas vezes contraditórios.

### 3 ITINERÁRIOS DA PESQUISA LITERÁRIA EM ACERVOS DE ESCRITORES

Os acervos de escritores são de grande relevância para a pesquisa literária pois proporcionam, conforme destaca Bordini (2009), um alargamento da concepção de obra. No caso dos textos publicados, o estudo dos prototextos, por exemplo, rascunhos com emendas, substituições, supressões etc., e dos paratextos, com documentos que apresentam informações sobre a elaboração de um dado texto, como as correspondências e anotações, ou que auxiliam na compreensão do seu conteúdo (escritos que compartilham a mesma temática), fornecem ao pesquisador o conhecimento das etapas de criação a partir da análise dos procedimentos escriturísticos utilizados pelo escritor, das escolhas autorais, motivadas pelas sugestões de terceiros e das ideias anotadas. A obra deixa de ser a coletânea de textos literários acabados e passa a ser constituída também por toda a produção, escrita ou não, em que se possa reconhecer uma relevância para a literatura, seja por um viés biográfico, cultural ou autoral.

A experiência tem demonstrado que o interesse em pesquisar os acervos literários está escrevendo uma nova história literária, além de proporcionar novas abordagens no campo das ciências humanas, como destaca Marques (2015, p. 30):

Os arquivos literários constituem mediações importantes para o desenvolvimento de pesquisas com fontes primárias e documentais da literatura, contribuindo para o surgimento de novas abordagens críticas – a exemplo da crítica genética –, a revitalização de antigos discursos críticos, como nos casos da crítica biográfica e da história da literatura, e o incremento de uma metodologia transdisciplinar de pesquisa no âmbito dos estudos literários.

Além disso, a partir do estudo do acervo é possível identificar e trazer à lume projetos inéditos, acabados ou inacabados, que se encontram no acervo. Tais projetos podem aparecer já com uma organização prévia para a publicação, restando-lhe apenas a necessidade de editá-los, ou podem estar dispersos, sendo necessário identificá-los e organizá-los para que possam ser publicados.

É possível citar como exemplo o trabalho desenvolvido no acervo de Arthur de Salles, em que, conforme afirma Telles (2006), para a recuperação da sua obra, foi necessário considerar diversos tipos de documentos, como “[...] o pré-texto, o pós-texto e o paratexto. No caso do resgate da obra dispersa de Arthur de Salles, não raro os três tipos de documento serviram para compor o texto e até mesmo o macrotexto” (TELLES, 2006, p. 39).

No acervo de Eulálio Motta, foram identificados cadernos contendo textos manuscritos correspondentes a projetos de livros inéditos, com textos passados à limpo e com indicação de que deveriam ser enviados aos editores. Inicialmente, foram identificados oito projetos editoriais Barreiros (2009), posteriormente, três novos projetos de livros foram acrescentados à lista: (i) uma coletânea dos textos jornalísticos (BARREIROS; SANTIAGO, I., 2016); (ii) coletânea de textos que tratam da emancipação de Piritiba, intitulado *Bofetada* (BARREIROS; SILVA, 2016); e *Por uma*

*ação católica*, que Eulálio pretendia reunir as crônicas religiosas que constam no caderno *Farmácia São José* (BARREIROS; SANTIAGO, S., 2016).

Com o objetivo de sistematizar os projetos de publicações de obras inéditas de Eulálio Motta, Barreiros (2009) propôs uma classificação em quatro diferentes casos. A partir das novas descobertas no acervo, propomos a ampliação e atualização do quadro de Barreiros (2009):

Quadro 1: Projetos de obras inéditas de Eulálio Motta.

N.	CASO	N.	PROJETO
1.	Cadernos que, em sua estrutura orgânica, são projetos de obras, com textos passados a limpo, servindo somente a este propósito.	1.	Luzes do crepúsculo
		2.	Canções do meu caminho 3ª edição
		3.	Meu caderno de trovas
2.	Cadernos que, em princípio, indicam que foram concebidos como projetos de obras, sendo reutilizados posteriormente para outras finalidades.	4.	Caderno sem capa 1
		5.	Lágrimas
		6.	Bahia humorística
3.	Caderno utilizado simultaneamente para a elaboração de um projeto de obra e para outras finalidades, a grande maioria relacionada ao projeto em questão.	7.	Por uma ação católica
4.	Projeto mencionado pelo autor nos cadernos, contendo índices dos textos que fariam parte da publicação.	8.	Flores e espinhos
5.	Projeto mencionado pelo autor sem indicar os textos que fariam parte da publicação.	9.	Terceiro livro
		10.	Bofetada
		11.	Coletânea com textos jornalísticos

Fonte: Adaptado de Barreiros (2009).

Com a ampliação das suas dimensões, a obra passa a se constituir dos projetos empreendidos na oficina do escritor, em lugar do livro impresso que é o produto final preparado por muitas mãos – revisores, editores, tipógrafos etc. - os quais, na maioria dos casos, redimensionam os textos para atenderem a princípios comerciais, ideológicos etc. É no acervo que visualizamos o canteiro da obra literária, como diz Moraes (2009). Assim, os documentos que antes ameaçavam a aura ficcional que envolvia a gênese do texto literário deixam de ser apenas fontes para consulta e tornam-se o interesse central do pesquisador e, com isso, tanto a produção édita como a inédita passam a ser reconhecidas como obra do escritor.

É nesse sentido que os rascunhos de cartas de Eulálio Motta nos interessam, por conta de sua relevância como elementos paratextuais, em muitos casos, detentores de importantes prototextos para o resgate e interpretação da obra do escritor.

A atividade de elaboração de acervos pessoais passou a ser vista também como um arquivamento de si, já que esse processo não se dá de modo aleatório, visto que o indivíduo, ao arquivar seus documentos, é consciente de que aquela documentação que está sendo preservada poderá ser conhecida e, por isso, seleciona o que deve e não deve

ser lembrado (BARREIROS, 2014). Os documentos arquivados revelam muito além de dados objetivos sobre a vida do escritor, permitindo que se tenha acesso às informações subjetivas que auxiliam na compreensão do seu pensamento sobre si mesmo. Assim, o autor do acervo reúne pistas para serem seguidas pelo seu leitor, com o intuito de induzi-lo às interpretações por ele projetadas. Por conta disso, o pesquisador de acervos deve estar sempre atento às armadilhas que os documentos possam oferecer, conforme atesta Barreiros (2014):

Os acervos pessoais estão necessariamente vinculados às experiências vividas, mas eles não encerram a realidade absoluta dos acontecimentos. Neles manifestam-se os fragmentos das experiências e por isso os documentos dos acervos precisam ser interpretados, lidos. Quando um indivíduo propõe-se a escrever suas memórias, um diário íntimo, uma autobiografia ou resolve colecionar fotografias, guardar papéis, rascunhos, recortes de jornais, cartas etc., ele está deliberadamente compondo uma imagem de si que pretende conservar para a posteridade (BARREIROS, 2014, p. 2).

A atividade de arquivamento de si não desautoriza a documentação que se encontra no acervo, pois, apesar da história que o arquivador deseja transmitir, muitas vezes, não ser condizente com a realidade, os próprios documentos do acervo direcionam os olhares para outras fontes de informação que permitem observar os fatos a partir de novas perspectivas. Por conta disso, a qualidade da pesquisa em acervos de escritores se encontra condicionada ao olhar crítico do pesquisador já que um documento não se constitui a própria história, mas pode transformar-se em história com a elaboração de narrativas. Segundo Barreiros (2016):

Os objetos não falam por si, eles se tornam lugares de memória para uma coletividade quando estão associados a uma narrativa (escrita ou oral) que pode ser transmitida. A relação entre o sujeito e os objetos é uma experiência individual e, para que essa experiência seja compartilhada, faz-se necessária a constituição de uma narrativa (BARREIROS, 2016, p. 237).

A pesquisa no acervo do escritor une, portanto, vida e obra, em um direcionamento investigativo que é, simultaneamente, biográfico e bibliográfico, com o intuito de decifrar o enigma de um projeto de vida. A questão a ser discutida reside no problema desta construção de si não estar em perfeita sincronia com a vontade do sujeito que se arquivou, havendo outros fatores que também devem ser considerados no estudo sobre aspectos da sua vida e da sua obra. Além disso, é necessário considerar que a própria vontade do sujeito arquivador é heterogênea e oscilante, transformando-se com o passar do tempo, não algo uniforme e fixo.

Dentre as interferências no processo de ordenação do acervo pode-se considerar a ocorrência de acontecimentos não planejados pelo colecionador, que se dão por meio das ações inconscientes de armazenamento de documentos que, para ele, poderiam ter utilidade em um momento futuro, pelo simples fato de esquecer-se de descartar um determinado pedaço de papel, assegurando a sua perpetuação, ou pela exclusão acidental de um objeto. As leituras prévias, muitas vezes, denunciadas de modo explícito em seus textos, a sua formação pessoal e profissional e os múltiplos vínculos ideológicos que estabeleceu ao longo da vida também direcionam em certo grau a composição do acervo.

Em outro nível de intromissão, a ação de terceiros também pode influenciar nessa organização, pois, muitas vezes, alguns documentos podem ser descartados, perdidos, escondidos, furtados ou doados, como é o caso de parte da biblioteca pessoal de Eulálio Motta, doada pela família, e dos cadernos fotocopiados 1 e 2, que

desapareceram do acervo, ou, em uma direção contrária, podem ser preservados justamente pela intervenção dos familiares, leitores e amigos. O acaso, manifesto nos acidentes, coincidências, catástrofes naturais, também transforma os percursos e o resultado final do arquivamento. Nesse sentido, é necessário considerar que atividade não planejada, aleatória e imprevisível termina alterando a constituição da documentação por assegurar a sobrevivência ou a extinção de um determinado objeto.

Para que se desenvolva uma pesquisa de qualidade nos acervos de escritores é necessário, portanto, além de observar os aspectos relacionados à vontade dos arquivadores ou externos a ela, ultrapassar os limites da sua estrutura interna, buscando estabelecer conexões e diálogos fora dos seus domínios. Como exemplo disso, pode-se citar a pesquisa empreendida na reconstrução da obra sallesiana. Por meio da identificação e resgate da sua produção dispersa, os pesquisadores recorreram a outros acervos documentais, e. g. Acervo Hélio Simões, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, acervo da Academia de Letras da Bahia (TELLES, 2006), identificando testemunhos únicos com fragmentos e dados importantes para a análise da socio-história da obra editada.

Ao longo da trajetória da pesquisa desenvolvida no acervo de Eulálio Motta, uma grande quantidade de documentos, que não integravam o acervo em seu estágio inicial, foi encontrada e acrescentada à documentação. Dentre esses documentos, pode-se destacar os periódicos *O Lidador*, *Gazeta do Povo*, *Vanguarda* e *O Serrinhense*, sendo que os três primeiros passaram a compor apenas a dimensão digital do acervo, pois este tem se expandido nestas duas direções, a física e a digital, não havendo cópias impressas dos documentos, ao passo que o último, além das cópias digitalizadas, possui fotocópias dos textos originais. Os originais de *O Lidador* e *Vanguarda* encontram-se na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV, no município de Jacobina-BA, enquanto os jornais *Gazeta do Povo* e *O Serrinhense* encontram-se, respectivamente, no acervo do Museu Casa do Sertão, em Feira de Santana-BA, e no acervo do Sr. Edmundo Bacellar, um memorialista da cidade de Serrinha-BA.

O acervo do escritor é, portanto, um arquivamento de si, que representa a vontade do autor, mas não uma vontade absoluta, já que o seu delineamento idealizado se encontra sujeito a lapsos, a atividade de terceiros e a intervenção do acaso. Isso traz imprecisão aos limites entre o desejo do colecionador e às influências externas. Ademais, é importante lembrar a influência que as pesquisas desenvolvidas com os documentos exercem sobre a compreensão que se tem do acervo, já que as narrativas construídas com base neles também passam a configurar-se como fontes para a sua interpretação.

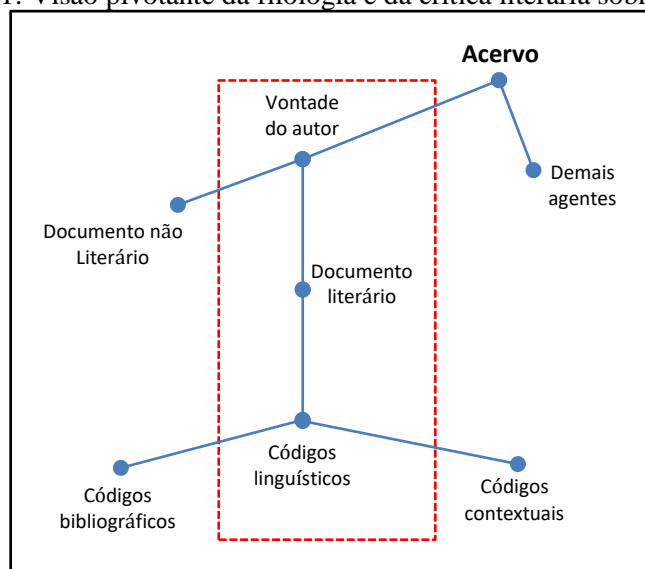
#### 4 UM OLHAR RIZOMÁTICO SOBRE O ACERVO

Tomando como base a nomenclatura da morfologia vegetal, Deleuze e Guattari (1995) descrevem os modelos de ordenação das ideias, dentre os quais se podem destacar o pivotante (ou arborescente), que é constituído por um pivô, um eixo central mais desenvolvido, que sustenta as raízes secundárias, e o rizomático, constituído por platôs, sem eixo central ou ramificações complementares. O modelo rizomático, proposto pelos autores em oposição ao pivotante, volta-se para as multiplicidades em detrimento da unidade, rompendo com propostas hierarquizantes e simplificadoras, buscando a representação da complexidade dos objetos. Para os autores:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37).

O acervo, na condição de um item extremamente diversificado, não pode ser analisado a partir das propostas oriundas da raiz pivotante. Numa perspectiva literária, o problema estaria na supervalorização da vontade do autor ou dos textos considerados literários, relegando qualquer tipo de material visto como secundário ao status de fonte de consulta, instaurando assim duas modalidades de hierarquias: a de que desejo do autor é mais importante do que qualquer outra força externa exercida sobre o acervo e a de que o texto literário deve ser publicado e o não literário deve servir de fonte para fundamentar a análise da vida e da obra do escritor (Cf. figura 1).

Figura 1: Visão pivotante da filologia e da crítica literária sobre o acervo



Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

Além disso, a visão pivotante implica também na motivação do interesse para com os acervos de autores canônicos, prejudicando o processo de resgate e valorização dos pertencentes a autores desconhecidos. Do ponto de vista filológico, a preocupação estaria em estabelecer o cânone textual, ocultando os rascunhos, dando-lhes uma dimensão linear e limpando os erros que contaminam a sua pureza, explorando apenas a dimensão linguística desses textos, deixando de lado os demais aspectos da realidade textual que abrange também os códigos bibliográficos, relacionados a sua materialidade, e os códigos contextuais. Sem mencionar, em ambos os casos, os perigos de uma abordagem estruturalista que isole os gêneros e as tipologias, proporcionando olhares parciais sobre a documentação.

Nota-se que manipular tipos especiais de documentos ou descrever os objetos que integram a dimensão estrutural do acervo, deixando de lado a possibilidade do redirecionamento de olhares, limita o seu potencial como objeto de pesquisa. Somente a

análise contextualizada desses textos é capaz de revelar os múltiplos sentidos que guardam e que se transformam conforme se combinam com os demais, sendo também a única forma de valorizar toda a constituição da documentação já que alguns de seus documentos só conseguem demonstrar a sua relevância nas relações que estabelece com outros. Assim, conforme assinala Bordini (2009), é necessário discutir novos métodos para que se possa dar conta dos elementos presentes nos acervos de escritores. Isso nos leva a propor um novo olhar para o acervo que transcenda a visão arborescente e perceba sua dimensão rizomática.

No tocante à filologia, sabe-se que ela se estabeleceu como ciência fincando suas bases em princípios pivotantes, concentrando-se na intenção do autor, na ideia de pureza textual, na hierarquização de testemunhos, o que deu margem para a construção de uma tradição teórico-metodológica pautada nesse modelo de investigação. Atualmente, a filologia tem revisitado suas práticas, dando lugar à valorização do texto em suas múltiplas realidades, bem como à discussão sobre a emergência da cultura escrita digital e o labor filológico dentro desse cenário. Dessa forma, os filólogos contemporâneos têm buscado atrelar a experiência plurissecular da filologia, juntamente com a análise crítica do seu percurso histórico, aos recursos oferecidos pela informática. Nesse contexto, surgem as chamadas edições digitais, que consistem em edições de textos elaboradas para circular em meio digital. Essas edições, do ponto de vista científico, não podem simplesmente reproduzir as características dos impressos nesse novo ambiente, mas devem adequar-se à sua linguagem.

Para tanto, Barreiros (2013; 2015) propôs um modelo de hiperedição para as edições digitais do projeto *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta*, que mobiliza, por um lado, uma diversidade de tipos de edição convencionais, tais como edição crítica, facsimilada, diplomática, e por outro, vários recursos da hipermídia, por exemplo, sons, vídeos, animações. Por se tratar de um modelo pensado para as edições digitais de textos de acervo, que se mostram muito mais significativos quando relacionados e apresentados de maneira contextualizada, a proposta de edição inclui o mapeamento das conexões existentes entre o documento estudado, os demais documentos do acervo e documentos externos. A organização dessas informações são apresentadas num Dossiê Arquivístico. Segundo o autor, “[o] termo dossiê arquivístico designa o conjunto de documentos escolhidos pelo pesquisador do manuscrito para auxiliá-lo na compreensão do texto” (BARREIROS, 2015, p. 200). Pode-se dizer que o Dossiê Arquivístico incorpora o princípio do rizoma.

Deleuze e Guattari (1995) elencam um total de seis características aproximativas do rizoma: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura assignificante, cartografia e decalcomania, que foram adotados como princípios metodológicos para a elaboração dos dossiês arquivísticos. Dada a correspondência entre as características do rizoma e as características essenciais do dossiê arquivístico, é possível afirmar que este consiste em um método rizomático de edição, indispensável para o estabelecimento de textos em ambientes digitais que também se encontram fundamentados em princípios rizomáticos.

Isto posto, faz-se oportuna a distinção de dois dentre os seis princípios: a conexão e a heterogeneidade. As ligações no modelo pivotante se constroem a partir de processos subordinativos e lineares, em que um texto ideado, que, muitas vezes, se vê representado por uma criação editorial sem nenhum correspondente histórico, se sobrepõe aos manuscritos originais, desencadeando um apagamento da sócio-história dos textos, bem como de diversos outros aspectos da realidade textual. Em contrapartida, a conexão no rizoma se dá por meio de filiações diretas que impedem a existência de hierarquias, não havendo a possibilidade da construção de relações opostas que, mediante

dicotomias, estabelecem relações de poder. Assim, “[...] qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15). Nas palavras de Ferreira (2008, p. 34), o esquema em formato rizomático:

[...] não leva em conta genealogias (esquema arborescente) ou evolucionismos; pensar multiplicidades é saber que, ao invés de definições fechadas e de conceitos prévios, o que se tem são agenciamentos, conexões entre todos os lados, hibridações que mudam de acordo com os novos acontecimentos que se criam. As entradas de um rizoma são múltiplas, fazendo com que ele seja a-centrado e que ele tome qualquer direção e forma (FERREIRA, 2008, p. 34, grifo da autora).

Vinculada à conexão, a heterogeneidade consiste na supressão da barreira tipológica, grande promotora das construções hierarquizantes. Desse modo, o rascunho, a anotação, as leituras prévias, as produções autorais e não autorais, a estaticidade do impresso e os recursos hipermidiáticos do meio digital, todos se conectam em pé de igualdade, passando a integrar a realidade textual, reinventando-a. Por conseguinte, as “[...] cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15).

Ao estudar e editar um documento, o filólogo deve mapear o maior número possível de relações semióticas entre este e os demais textos com os quais dialoga, pois estas se mostram indispensáveis para que o leitor/usuário possa compreender determinados contextos que lhe são exigidos pelo texto. Entretanto, em muitos casos, esses elementos construtores de sentidos se encontram fora dos limites do acervo, quer seja pela escolha do sujeito arquivador, no processo seletivo de composição da representação de si, quer seja pela ação do acaso ou de terceiros. Nesse caso, faz-se necessário estabelecer conexões fora dos limites do acervo físico, construindo relações ainda mais heterogêneas do que as encontradas dentro dele.

O acervo deixaria de ser pensado a partir de uma perspectiva material, uma documentação conservada em um ambiente físico, para ser investigado em sua realidade mais complexa, na busca por alcançar uma macrovisão do que ele realmente é ou pode vir a ser. Nesse sentido, cabe discutir o que incluir em um dossiê arquivístico: apenas o conjunto de documentos que se encontram sobre a responsabilidade de uma entidade custodiadora, um tutor legal e armazenado dentro de um espaço físico, ou uma diversidade de documentos capazes de contribuir para a construção de uma visão mais ampla de cada texto editado, que podem estar tanto dentro quanto fora dos limites do acervo físico? A última opção é indiscutivelmente o caminho mais promissor.

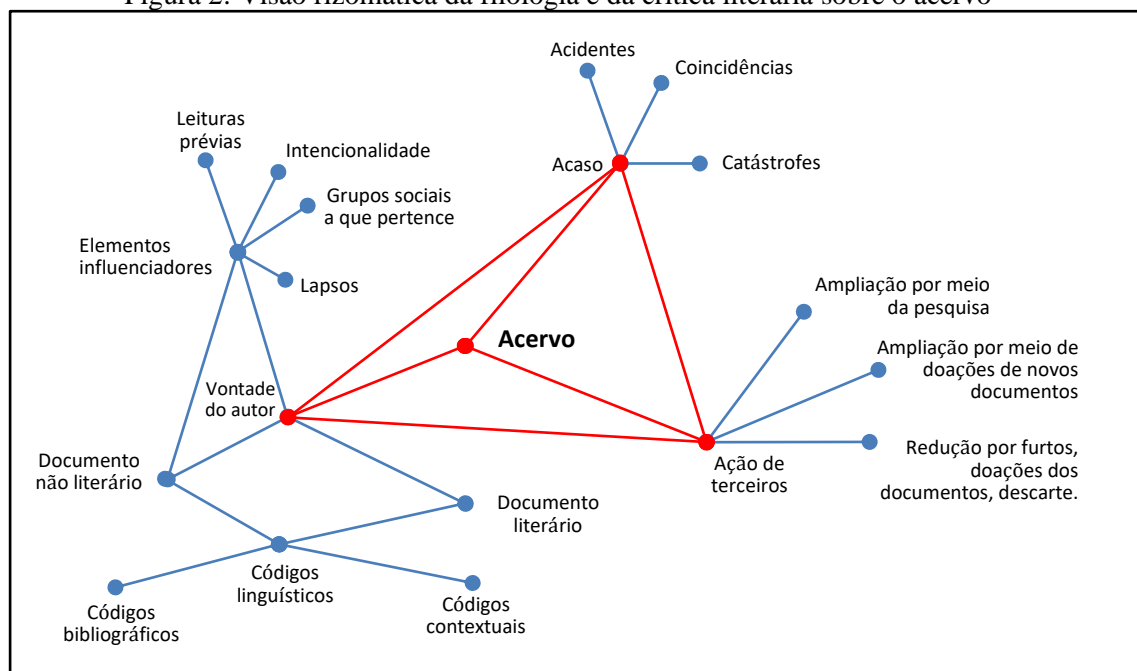
Na construção dos dossiês arquivísticos no acervo de Eulálio Motta foram identificados alguns documentos que serviram de base para a escrita dos textos editados. Em alguns dos casos, a própria documentação atesta que alguns textos chegaram, em um dado momento, a pertencer ao escritor, como é o caso do livro *Cochilos de um Sonhador*, do Reverendo Basílio Catalá Castro, enviado a Eulálio Motta, por Eudaldo Lima, e *A imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis, que o próprio escritor afirma ser seu livro de cabeceira, mas que atualmente não integram a sua coleção. Em outros, é possível apenas observar que o documento foi utilizado como base para a criação dos seus textos, porém não há indícios de que em algum momento o livro chegou a integrar a biblioteca do escritor, como o caso de *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes.

Ao mapear o acervo seguindo um direcionamento rizomático, o dossiê arquivístico permite explorar, diversos elementos que antes eram deixados de lado pelas perspectivas pivotantes de análise. Sendo assim, a Figura 2 corresponde a uma tentativa

primeira de esboçar a constituição do acervo baseada nas reflexões aqui realizadas, demonstrando alguns dos elementos múltiplos que se encontram como platôs geradores de sentido dentro do acervo.

Os platôs, ou nós, representados em vermelho consistem em três grandes eixos de interferência, nos quais foram agrupados uma grande diversidade de outros fatores apenas para fins explicativos, já que cada platô que interfere na estrutura complexa do acervo age de uma forma específica e não pode ser simplesmente agrupado em relações de hiperonímia, que seguem uma lógica arborescente. Portanto, os acidentes, as coincidências e catástrofes, por exemplo, se encontram ligados ao que se denomina acaso apenas por causa da imprevisibilidade desses eventos, entretanto, não apresentam nenhuma outra relação obrigatória de semelhança entre si. Por outro lado, fatores ligados aos outros eixos, à vontade do autor e à ação de terceiros, recebem interferência direta de elementos do acaso, bem como, podem apresentar interferências sobre esses elementos, sendo os impactos de um elemento sobre o outro imprevisíveis.

Figura 2: Visão rizomática da filologia e da crítica literária sobre o acervo



Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

É necessário lembrar que a ampliação da noção abstrata de acervo deve convergir para o entendimento da complexidade do objeto de pesquisa e para a conscientização sobre a relevância de alguns aspectos que podem gerar distorções caso sejam desconsiderados. Consiste em uma visão mais ampla do objeto, ainda que não totalizante. Mas não deve ser entendida como um incentivo à falta de direcionamentos, devendo cada elemento ser explorado em maior ou menor grau a depender das questões científicas a serem respondidas. Outro fator imprescindível é a distinção clara que se deve ter da constituição original da documentação, do que se modificou, ampliou ou se perdeu, pois essas informações integram a sócio-história do acervo.

## 5 DOSSIÊ ARQUIVÍSTICO DO TEXTO *MANIA DO JORNAL MUNDO NOVO*

Com a sua primeira edição publicada em setembro de 1920, no município homônimo, o jornal *Mundo Novo* foi considerado o maior veículo de comunicação durante o seu período de atividade (1920-1933). Em 1933, o periódico sai de circulação quando Nemésio Lima, seu proprietário, decide fechá-lo ao mudar-se para o município de Jacobina e leva consigo a tipografia. Em Jacobina, ele inaugurou um novo periódico chamado *O Lidador*, que continuava tendo como leitores e colaboradores uma grande quantidade de mundonovenses.

Foi nesse periódico que Eulálio Motta iniciou a sua atividade como jornalista, publicando seus textos em uma coluna intitulada Rabiscos. O corpus editado é constituído por 44 textos publicados no semanário *Mundo Novo*, que foram escritos pelo autor ou fazem menção a ele. Dentre os textos 38 estão na coluna *Rabiscos* e apenas 6 foram publicados em outros espaços do jornal. A coluna não possuía uma página fixa, porém aparece com maior frequência na página 6, sendo sempre a primeira coluna contando da esquerda para a direita. A natureza dos textos é bem diversa (crônicas, comentários sobre leituras, cartas, trechos de livros etc.), bem como as temáticas que tratam de assuntos que vão desde a política, religião, literatura, às festas e o dia-a-dia das fazendas, vilas, povoados e cidades do sertão baiano.

O texto *Mania* foi publicado no jornal *Mundo Novo* no dia 1 de janeiro de 1932, na página 4, na coluna *Rabiscos*, entre as colunas 1, 2 e 3. O escritor inicia o texto com um comentário sobre a sua mania de leitura e a falta de livros no interior, que lhe obrigava a ler jornais antigos. A questão dos hábitos de leitura e escrita é bastante recorrente em seus textos, sendo um elemento importante para a compreensão de como se davam seus procedimentos escriturísticos e como se caracterizava seu perfil de leitor. Em seguida, introduz o tema central do texto que é a construção da estrada de ferro em *Mundo Novo*, discutindo sobre a promessa feita inicialmente pelo Ministro Vitor Conder, que não havia sido cumprida, e que estava sendo feita novamente por Juracy Magalhães, atual governador do estado.

## 5.1 DOSSIÊ ARQUIVÍSTICO DO TEXTO *MANIA*

Quadro 2: Dossiê arquivístico do texto *Mania*

LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	JUSTIFICATIVA DA INSERÇÃO
Jornal <i>Mundo Novo</i>	Publicação do jornal <i>Mundo Novo</i> de 10 de julho de 1927.	É citado um trecho do texto. A referência é feita pelo próprio autor. Não consta no acervo.
	Publicação do jornal <i>Mundo Novo</i> de 18 de dezembro de 1931.	A referência é feita pelo próprio autor.
	<i>Retalhos</i> (JMN 25-09-1931, n. 187, p.10)	Trata sobre a sua expectativa com o governo de Juracy Magalhães. O texto é importante para compreender o seu posicionamento, implícito no texto <i>Mania</i> .
	<i>Lampeão</i> (JMN 11-12-1931, n. 197, p. 6)	Trata brevemente sobre a perseguição de Lampeão e elogia Juracy Magalhães.
Jornal <i>Gazeta do Povo</i>	<i>Seja Bemvindo...</i> (JGP 18-09-1960, n. 73, p. 5)	Discussão sobre questões legislativas envolvendo Juracy Magalhães e a polêmica da emancipação do município de Piritiba.

	<i>Evidencia</i> (JGP 21-08-1960, n. 69, p. 2)	Discussão sobre a “inconstitucionalidade” da lei que criou o município de Piritiba.
Caderno <i>Monitor</i>	<i>Instantâneos</i> (f. 1r-1v)	Prototexto de <i>Evidencia</i> .
Panfletos	<i>Perspectivas de 76...</i>	Justifica o apoio da família Motta ao partido de Juracy Magalhães.
	<i>BASTA DE PODRIDÕES</i>	Resposta de Eulálio Motta à uma polêmica gerada por seus opositores nas eleições de 1976.
	<i>ELEIÇÃO - CORRUPÇÃO</i>	Sobre a corrupção nas eleições de 1976.

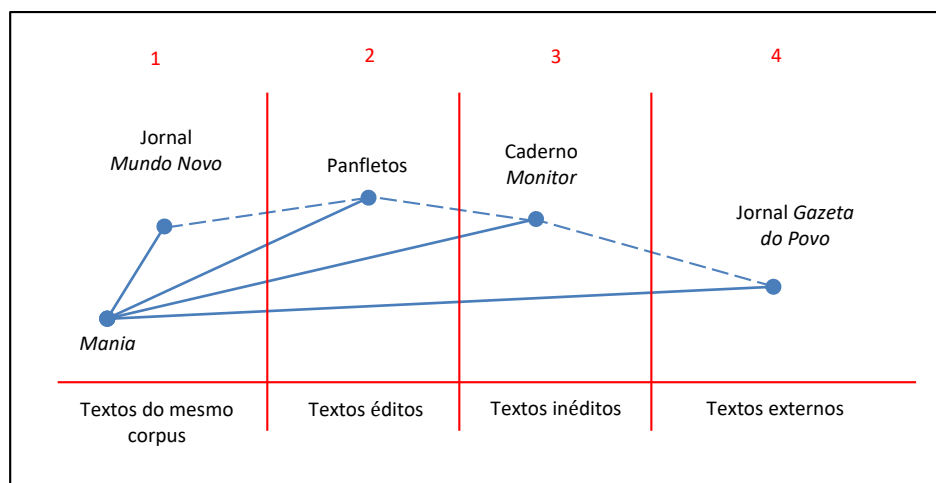
Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

Conforme pode ser visto no quadro acima, foram identificados um total de dez textos no acervo do escritor que auxiliam na leitura do texto tomado como ponto de partida, como também ampliam os conhecimentos sobre o tema. Dentre os textos elencados, quatro são do jornal *Mundo Novo*, sendo que dois estabelecem uma relação maior, pois são citados diretamente no texto, e os outros dois apenas se relacionam devido ao fato de tratarem sobre o primeiro governo Juracy Magalhães, assim como os demais textos encontrados em outros documentos.

O dossiê contribui para a compreensão integral do texto ao trazer esclarecimentos sobre o posicionamento político do autor na época em que foi escrito, já que essa informação não aparece de forma explícita no documento editado, e também amplia os conhecimentos do leitor sobre a mudança desse posicionamento com o passar do tempo. Os outros textos do jornal *Mundo Novo* que foram publicados no mesmo período revelam o apoio do escritor ao governador Juracy Magalhães, o que leva a inferir que o texto em questão não se trata de uma crítica. Já os demais foram escritos em dois períodos: o período em que Eulálio Motta deixou de apoiar o político, no início da década de 1960, e o período em que voltou a apoiá-lo, nas eleições de 1976.

Na figura 3 é possível ver os tipos de conexão que há entre os documentos do dossiê arquivístico e o texto de base, como também a conexão que há dos documentos do dossiê entre si, representada pela linha tracejada, e entre estes e o texto de base, representada pela linha contínua.

Figura 3: Representação dos tipos de conexão entre os textos



Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

## 6 DOSSIÊ DO TEXTO MEU CARO EUDALDO: SAUDAÇÕES DO CADERNO FARMÁCIA SÃO JOSÉ

Escrito na década de 40, mais precisamente entre os anos de 1940 e 1944, o caderno *Farmácia São José* mede 166mm de largura, 237mm de comprimento e 20mm de espessura, é composto por 149 fólios (reto e verso), contudo, porém só há escrita em apenas 146 deles. Sua composição é majoritariamente manuscrita, havendo apenas um texto tiposcrito inserido no caderno por meio de colagem, no fólio 3r. Possui capa dura azul com uma colagem no centro da capa, com papel personalizado da Farmácia São José, em que consta o nome do autor e a data de 1º de outubro de 1940. Os textos do caderno foram escritos, em sua maioria, com tinta preta e a lápis grafite, no entanto, há passagens, geralmente correções, marcações e acréscimo de palavras, que se encontram feitas com lápis de cor azul ou vermelha; além de um endereço escrito na parte superior do fólio 2v, feito com tinta azul. O caderno encontra-se bastante conservado e os textos, principalmente os escritos a lápis, não sofreram apagamentos de fatores externos, contudo se percebe que alguns dos escritos a lápis foram feitos com lápis de grafite duro, que faz com que a escrita fique muito clara. Por ser feito em capa dura e com encadernação costurada (brochura), conseguiu manter os fólios unidos em bom estado de conservação.

Por se tratarem de rascunhos manuscritos, os textos apresentam várias rasuras, borrões, emendas, cancelamentos, que dificultam, até certo ponto, a leitura dos textos do caderno. Por meio destas marcas presentes nos textos é que se pode observar a sua gênese, os cancelamentos parciais/totais e o abandono de algumas produções, como ocorre em cartas que foram totalmente canceladas, apresentando traços feitos sobre os textos indicando cancelamento.

Os gêneros encontrados no caderno são bastante diversificados, não constituindo um caderno específico para determinado fim, como um caderno específico de rascunhos cartas ou um caderno-projeto de obra, apesar de conter nele um projeto de publicação de crônicas. Eulálio Motta fez da maior parte deste caderno um meio de se expressar acerca de vários temas, em forma de cartas, crônicas, anotações do cotidiano, poemas. Há também anotações financeiras, uma peça autoral, um prefácio de livro que pretendia publicar, além de algumas citações literárias. Assim como os gêneros, a temática do caderno é bastante variada, dando ênfase na religiosa e política, em que foram pautadas diversas discussões que se deram por meio de cartas e posicionamentos manifestos em crônicas.

Dentre as cartas de temática religiosa, encontra-se a carta intitulada *Meu caro Eudaldo: Saudações*, localizada nos fólios 9r-9v, escrita no ano de 1941. A carta em questão é de relevância ímpar para o entendimento das discussões religiosas travadas por Eulálio Motta e Eudaldo Lima entre os anos de 1941 e 1942, em que Eulálio, como católico, tentava catequizar Eudaldo, que por sua vez, como pastor presbiteriano, buscava evangelizá-lo. A discussão tomou proporções tão grandes que passou do âmbito privado para o público, culminando na publicação de cartas abertas, por parte de ambos, para explicitarem seus posicionamentos acerca das religiões e de escritores de livros religiosos.

A carta *Meu caro Eudaldo: Saudações* é a primeira carta ativa de Eulálio Motta para Eudaldo Lima, no caderno Farmácia São José, e antecede a carta aberta feita por Eulálio Motta, na qual o autor faz duras críticas sobre o livro protestante *Cochilos de um sonhador*, de autoria de Basílio Catalá Castro. O livro em questão foi dado a Eulálio Motta por Eudaldo Lima a fim de tecer discussões sobre a abordagem religiosa apresentada no livro, contudo, Eulálio Motta achou por bem abrir a discussão para o público por meio da

polêmica *Carta Aberta a um amigo* (f.9v), carta esta que Eudaldo Lima afirma ter sido publicada em avulsos.

### 6.1 DOSSIÊ ARQUIVÍSTICO DO TEXTO *MEU CARO EUDALDO: SAUDAÇÕES*

Quadro 3: Dossiê arquivístico do texto *Meu caro Eudaldo: Saudações*

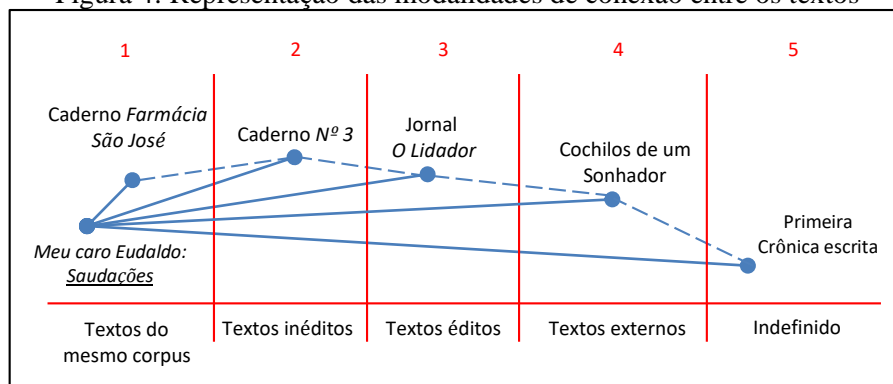
LOCALIZAÇÃO	TÍTULO	JUSTIFICATIVA DA INSERÇÃO
Caderno <i>Farmácia São José</i>	<i>Carta Aberta a um amigo</i> (f. 9v-13v).	Eulálio publicou uma carta aberta realizando uma crítica ao livro <i>Cochilos de um sonhador</i> de Basílio Castro, que foi enviado por Eudaldo Lima, sobre o qual ele comentou na carta <i>Meu caro Eudaldo: Saudações</i> (f.9r).
	{2 de Outubro. Amigo Nemesio. Saudações.} (f. 14r) (Carta inteiramente cancelada)	Rascunho cancelado da carta <i>Amigo Nemesio: Saudações</i> (f. 14v).
	<i>Amigo Nemésio: Saudações</i> (f. 14v)	Carta em que Eulálio questiona Nemésio Lima o porquê de sua crônica que critica o livro <i>Cochilos de um sonhador</i> , de Basílio Catalá Castro, não foi publicada em <i>O Lidador</i> .
	<i>Eudaldo amigo: Saudações</i> (f. 22r-23r); <i>Eudaldo amigo S/*aluto!</i> (f. 25v-26v); <i>Eudaldo: /*Saluto!</i> (27r-27v); <i>Eudaldo: Sa{†}</i> (29v-32r); <i>Eudaldo /*amigo/: {†}!</i> (32v); <i>Eudaldo amigo: Salut{†}!</i> (33r-33v); <i>Eu{†}/dal\do amigo: Respondendo... [↓I]</i> (34r-34v); <i>Respondendo II Eudaldo: Ha ou não ha intermediario?</i> (35r-35v); <i>Respondendo III</i> (36r-38r); <i>Eudaldo amigo: Salutem! 5-2-942</i> (38v-39v); <i>Meu caro:</i> (40r-40v); <i>Eudaldo: Saudação</i> (40-43v); <i>Eudaldo: Saudações</i> (45v); <i>Eudaldo: Saudações</i> (46r); <i>Eu{l}daldo: Resposta oportuna</i> (46v-48v); <i>Ponto final</i> (53v-54r)	As cartas se relacionam por conta do destinatário em comum.
Jornal <i>O Lidador</i>	<i>Declaração Oportuna</i> (JL 08-03-1942, n. 384, p.4)	Carta aberta escrita por Eudaldo Lima, publicada no jornal <i>O Lidador</i> em resposta à carta aberta escrita por Eulálio Motta, destinada a Eudaldo, publicada em avulsos.
Caderno Nº 3	<i>Eudaldo: Pax!</i> (f. 66v-67r)	Destinatário em comum e relação genérica.
Não se encontram no acervo	Livro <i>Cochilos de um sonhador</i> , de Basílio Catalá Castro	Eulálio agradece nesta carta o envio do livro <i>Cochilos de um sonhador</i> por parte de Eudaldo Lima. O livro em questão foi o motivo de diversos debates religiosos entre Eulálio Motta e Eudaldo Lima, envolvendo

		também outras personalidades da época, como Nemésio Lima, dono do jornal <i>O Lidador</i> .
	Primeira crônica que Eulálio Motta escreveu sobre o livro de Basílio Catalá Castro ( <i>Cochilos de um sonhador</i> )	Eulálio cita a crônica na carta <i>Eudaldo amigo: Saudações</i> (f. 22r-23r), mas não diz se publicou ou se apenas a enviou para Eudaldo.

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

Por meio do dossiê arquivístico apresentado no quadro 3 é possível ter uma dimensão da quantidade de documentos que se envolveram nas discussões religiosas entre Eudaldo Lima e Eulálio Motta, além de fornecer informações de terceiros que foram envolvidos nas discussões, como é o caso de Nemésio Lima, que foi dono do jornal *O Lidador*, no qual Eulálio Motta era colunista. O dossiê proporciona também a identificação de textos ausentes no acervo, mas que foram em algum momento citados nos textos, como é o caso do próprio livro de Basílio Catalá Castro, *Cochilos de um sonhador*, que serviu de base para boa parte das discussões religiosas do caderno em questão. Na figura 4 se representa os níveis de conexão entre esses textos.

Figura 4: Representação das modalidades de conexão entre os textos



Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acervo de um escritor consiste em um objeto altamente complexo, pois os agentes que atuam sobre a sua constituição podem ser muito diversificados, alternando desde a vontade do sujeito arquivador à ação de terceiros e do acaso. As propostas estruturalistas e arborescentes de análise não conseguem depreender o seu caráter múltiplo e heterogêneo, conduzindo assim a análises parciais. Em vistas disso, a inexperiência dos diversos âmbitos das ciências humanas em lidar com esse tipo de objeto tem exigido cada vez mais esforços para o desenvolvimento de novas metodologias capazes de atender a essa realidade.

A elaboração de hiperedições, acompanhadas por dossiês arquivísticos dos textos editados, permite que sejam exploradas, além dos elementos encontrados dentro do acervo, as conexões exteriores que se constroem a partir da análise dos documentos. Nesse sentido, os princípios de conectividade e heterogeneidade apresentados por Deleuze e Guattari (1995, p. 15) se mostram apropriados e eficazes no norteamento dos percursos investigativos dentro e fora dos acervos. Todavia, não se pode esquecer que tais conexões devem ser avaliadas pelo filólogo no momento de publicação dessas edições

rizomáticas, observando perfis de interesses para que a infinidade das conexões possa ser apresentada de modo ordenado, com intuito de não causar ao leitor/usuário uma sobrecarga de informações.

No caso dos dossiês aqui apresentados, nota-se que estes tornam possível a elaboração de uma edição capaz de representar o aspecto múltiplo dos textos editados, contextualizando-os dentro do acervo e ampliando as possibilidades de leitura. A pesquisa realizada passa a ser feita não somente em função do texto editado, mas de todo o conjunto que se integra a ele. O mapeamento resultante desse processo possibilita a integração dessa documentação, contribuindo para a elaboração das narrativas biográficas do escritor, assim como um conhecimento mais aprofundado da sua obra.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Jorge Phelipe Lira de. Arquivos pessoais e teoria arquivística: considerações a partir da trajetória do conceito de arquivo. In: CAMPOS, José Francisco Guelfi. *Arquivos privados: abordagens plurais*. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2016. p. 24-36.

ALVES FILHO, Bráulio. Um poeta desconhecido. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 8, 24 abr. 1949.

AULETE, C. *Aulete Digital* – Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

BARREIROS, Liliane L. S. *O vocabulário de Eulálio Motta*. 359f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016.

BARREIROS, Patrício Nunes. A relevância do dossiê arquivístico em edições digitais de documentos de acervos de escritores. *Revista Internacional del Libro, Digitalización y Bibliotecas*, v. 2, p. 20-33, 2014.

BARREIROS, Patrício Nunes. Novas práticas culturais da escrita, novas perspectivas da Crítica Textual: rumo às hiperedições. *Linguística e Filologia Portuguesa (USP)*, São Paulo, v. 16, p. 31-62, 2014.

BARREIROS, Patrício Nunes. O acervo do escritor e seu itinerário (auto)biográfico. *Todas as Letras (Makenzie)*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 235-250, 2016.

BARREIROS, Patrício Nunes. *Sonetos de Eulálio Motta*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2015.

BARREIROS, Patrício Nunes. SANTIAGO, Iago Gusmão. Eulálio Motta: jornalista de Mundo Novo. *Anais... VIII Seminário de Estudos Filológicos Filologia e Humanidades Digitais*, Universidade Estadual de Feria de Santana, p. 182-195, 2016.

BARREIROS, Patrício Nunes; SANTIAGO, Iago Gusmão. SANTIAGO, Stephanie da Cruz. A interface rizomática do acervo: construção do dossiê arquivístico para elaboração de edições digitais. *A Cor das Letras* (UEFS), Feira de Santana: v. 18, n. 2, p. 45-67, 2017.

BARREIROS, Patrício Nunes; SANTIAGO, Stephanie da Cruz. Edição e estudo do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta. *Anais...VIII Seminário de Estudos Filológicos: Filologia e Humanidades Digitais*, Universidade Estadual de Feira de Santana, p. 92-105, 2016.

BARREIROS, Patrício Nunes; TELLES, Célia M. Os panfletos de Eulálio de Miranda Motta e o diálogo com o seu dossiê arquivístico. In: SILVA, José P. da. *Crítica textual e edição de textos: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Appris, 2012, p. 305-314.

BORDINI, Maria da Glória. Acervos de escritores e o descentramento da história da literatura. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 11, p. 15-24, 2005.

BORDINI, Maria da Glória. Os acervos de escritores sulinos e a memória literária brasileira. *Patrimônio e Memória*, UNESP, v. 4, p. 1-20, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs - Capitalismo e Esquizofrenia - Volume 1*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FERREIRA, Flavia Turino. Rizoma: um método para as redes? *Liinc em Revista*, v.4, n.1, p.28-40, 2008.

MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015

MORAES, Marco Antonio de. Edição da Correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. *Patrimônio e memória*, Assis, UNESP, v. 4, n. 2, p. 115-128, jun. 2009.

OXFORD LATIN DICTIONARY. London: Oxford University press, 1968.

SALVÁ, Don Vicente. *Diccionario Latino-Español*. Valencia: Libreria de Mallen y sobrinhos, 1843.

TELES, Célia Marques. O paratexto e a filologia. In: TEIXEIRA, M. C; QUEIROZ, R. C. R; SANTOS, R. B. (Orgs.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006.